



## Não há resposta sem pergunta

Esther Pillar Grossi

GEEMPA – Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia da Pesquisa e Ação



Esther Pillar Grossi

18 de maio de 2020 · 🌐

À pedido do [Thiago Viana](#), lá do Ceará fiz digitar, com adaptações, o conteúdo do vídeo como diálogo com Walter Kohan n'a live da Anped. Eis o texto sobre tema que é muito importante. Voltarei a ele na live de amanhã, às 17horas.

-- Não há resposta sem pergunta

Essa é uma afirmação que tem muito a ver com o aprender. Só se aprende perguntando, porque aprender não é uma dádiva de quem sabe, mas é, sim, um processo de quem não sabe.

Não se dá matéria dando aula e dando nota. Quer dizer conhecimento é construção pessoal no coração de uma dinâmica social, isto é, no intercâmbio com quem sabe mais, com quem sabe mais ou menos o mesmo ou com quem sabe menos do que aquele que aprende.

Acolhendo a valiosa contribuição de Gérard Vergnaud, confirmamos que não se aprende conceito por conceito, mas no coração de um Campo Conceitual. Vale então lembrar como Gérard define Campo Conceitual. Ele o reconhece como um conjunto de três conjuntos, a saber:

um conjunto de situações, as quais estão permeadas por muitos conceitos;

o conjunto desses conceitos que permeiam as situações;

e um conjunto de elementos comunicativos para representar tanto as situações como os conceitos.

É da essência das verdadeiras e eficientes situações didáticas suscitar perguntas que conduzam às aprendizagens.

É muito expressiva minha experiência num salão de beleza, onde eu lia um livro. A filha, de dois anos, de outra cliente, num dado momento me pergunta: " - O que estás fazendo?" Prontamente respondi-lhe: "- Lendo".

Ela se aproxima do meu livro, vira outra página e me diz: "Eu também". É que eu havia acabado de virar uma página. Enquanto eu lia, que era uma experiência sobre leitura para aquela menina, sem o gesto de virar página, não foi suficiente para que ela fosse levada a formular uma pergunta. O gesto da virada da página é que se constituiu numa situação didática para ela, porque lhe provocou uma pergunta. Seu gesto e sua afirmação ao virar mais uma página significou sua resposta à sua pergunta: ler é virar página de livro.

A natureza essencial de uma situação didática é ser uma experiência significativa que gere uma pergunta no aprendente. Portanto perguntar é o cerne da verdadeira construção do conhecimento.

Aprender não é memorizar matérias dadas pelos professores.

Segue-se, ao perguntar, uma tentativa, pelo próprio perguntador, de respondê-la. O aprendente responde à sua pergunta como lhe parece, naquele momento, pertinente, adequado, lógico.

Mas, sua resposta, não é nem de longe, no início de uma caminhada de abordagem de um Campo Conceitual, algo parecido com o que o nosso estágio civilizatório considera como boa.

Voltemos à cena da menina na cabeleireira. Ler é virar a página de um livro? É isto que, culturalmente, nós consideramos como um ato de ler?

Na Didática Científica Pós-Constructivista se diz que a resposta que o aprendente se dá é uma hipótese. Hipótese, em termos matemáticos, faz parte de teorema, o qual precisa ser demonstrado e poderá levar à conclusão de que é falso.

A minha pequena comparsa do Salão de Beleza, possivelmente terá evoluído de sua hipótese de que ler é virar a página para a de que ler é interpretar imagens, se ela for agraciada com leitura de livros infantis, em casa ou na escola.

A chave do aprender repousa sobre uma sequência ascendente de hipóteses provocadas por situações que afetem o aprendente.

Vale reforçar a necessidade de afetar os alunos, se queremos que aprendam algo, porque " o cérebro só registra o que emociona".

Essas hipóteses serão parciais, isto é, incompletas em relação ao que é considerado como verdadeiro no meio culto de nossa época.

Hipóteses que, claramente não são totalmente verdadeiras.

Concretamente são hipóteses erradas do ponto de vista do que é cientificamente aceito, portanto, elas são socialmente incorretas.

Dessa necessária formulação de hipóteses, que serão constatadas como falsas, decorre que aprender é transitar erros, cada vez mais próximos do que se quer compreender. O aprendente, portanto é um ERRANTE, lembrando Walter Kohan em sua live da Anped "Tempos de pensar educação entre a vida e a morte" tempo que estamos vivendo na Pandemia do covid19.

Com Caetano Veloso, eu acrescento: quem aprende é um ERRANTE NAVEGANTE, porque se deve sempre estar surfando os mares do saber – navegar é preciso.

Erros, portanto, são respostas necessárias que os aprendentes se dão às perguntas que eles se fazem, enquanto percorrem a trajetória da construção dos conhecimentos de um Campo Conceitual.

Insisto: o que há de mais interessante e instigante numa aventura aprendente é que, quem aprende, se pergunta e ele mesmo, constrói para si uma resposta.

Vê-se, portanto, que o processo de aprender é pessoal e intransferível. Mas ninguém o percorre sozinho. Ele é eminentemente social. Esse processo precisa que o aprendente participe de três grupos de pertencimento e de trocas:

- dos que sabem mais do que ele
- dos que sabem mais ou menos o mesmo que ele
- dos que sabem menos que ele.

Dentre os que sabem mais do que ele está a professora ou o professor. A eles cabe organizar atividades provocativas de perguntas aos seus alunos.

Importante distinguir entre situações que o dia a dia pode proporcionar aprendizagens, que Vygotski denominava de conceitos cotidianos, daqueles que somente a escola pode proporcionar.

Campos Conceituais simples podem ser construídos com provocações das experiências cotidianas, mas, Campos de Conceitos mais complexos precisam de intencionalidade, de organização, de sistematização com atividades didáticas que só uma boa escola pode oportunizar.

Dou-lhes, agora, um exemplo matemático. Aprendi com Lauren Resnick, pesquisadora norte-americana sobre Didática, que a estrutura da adição pode ser construída em situações da vida ordinária, na contemporaneidade. Mas que a complexidade da estrutura multiplicativa precisa do concurso especializado de um bom ambiente escolar.

Cabe-nos, portanto, a nós professores a arte e a ciência de oportunizar atividades didáticas que se transformem em situações de aprendizagem, porque capazes de desencadear a produção de perguntas e de respostas, meias verdades que conduzem à conceitualizações.

E cabe a pesquisadores nas ciências do aprender a elaboração de propostas didáticas, a serviço dos professores, assim como cabe aos pesquisadores em saúde disponibilizar vacinas e medicamentos a serviço dos médicos.